



DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOSINALDO MONTEIRO DA SILVA

O HOMEM, O VERME E A MORTE EM AUGUSTO DOS ANJOS

GUARABIRA – PB

2014

JOSINALDO MONTEIRO DA SILVA

O HOMEM, O VERME E A MORTE EM AUGUSTO DOS ANJOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Doutora Rosângela Neres

GUARABIRA – PB
2014

S586h Silva, Josinaldo Monteiro da
O homem, o verme e a morte em Augusto dos Anjos
[manuscrito] : / Josinaldo Monteiro da Silva. - 2014.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Literatura brasileira. 2.Poesia brasileira. 3. Augusto dos
Anjos. I. Título.

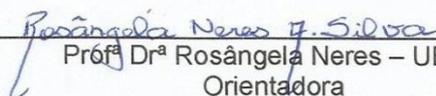
21. ed. CDD B869.1

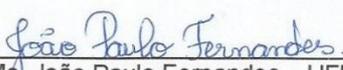
JOSINALDO MONTEIRO DA SILVA

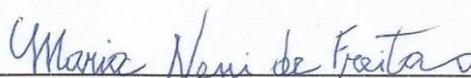
O HOMEM, O VERME E A MORTE EM AUGUSTO DOS ANJOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 07 de março de 2014


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres – UEPB
Orientadora


Prof. Ms. João Paulo Fernandes – UFPB
Examinador


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas – UEPB
Examinadora

O HOMEM, O VERME E A MORTE EM AUGUSTO DOS ANJOS

DA SILVA, Josinaldo Monteiro¹

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise sobre alguns elementos analíticos e estéticos que caracterizam o pessimismo arraigado nos poemas, “*O deus-verme*” e “*Vozes da morte*”, de Augusto dos Anjos. Fazendo ainda, uma possível relação com certas peculiaridades da vida do poeta que influenciaram na constante presença de termos pessimistas em seus versos. Trazemos como suporte teórico, dentre outros, Pound (2006), Eliot (1991), Bosi (2000), Corrêa (2008), Prado (2011), os quais dialogam diretamente com as questões literárias aqui abordadas. Sendo assim, percebemos como o poeta se utiliza de vocábulos considerados estranhos por alguns críticos, para construir uma poesia que (res)significa, que contempla, dentre outros aspectos, seu constante descontentamento com a humanidade e repúdio às ações da sociedade em que vivia, possibilitando com isso, uma diversidade de interpretações de modo a provocar inquietações e estranhamento no leitor.

Palavras-chave: Poesia. O homem e o pessimismo. Augusto dos Anjos.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é utilizada como instrumento que possibilita a transmissão de uma mensagem de um emissor a um receptor, ocasionando assim uma comunicação efetiva entre os indivíduos. Foi desenvolvida no decorrer do tempo e é capaz de proporcionar a interação fluente entre os grupos sociais. Com isso o homem viu na Literatura mais uma possibilidade de expressar suas ideias e transmitir conhecimento. De acordo com Pound (2006), a literatura é composta por uma linguagem rica de significados e que, certamente, proporciona um conhecimento significativo.

Pound (2006, p.33) afirma que, “literatura é novidade que PERMANECE novidade.” Mesmo que o tempo passe e que a sociedade sofra transformações, a

¹ Formando em Letras no período 2013.2, sob orientação da Prof^a. Doutora Rosângela Neres. E-mail: josinaldo86@hotmail.com

arte literária será sempre tida como algo novo e, conseqüentemente, permitirá a construção de conhecimentos inéditos a partir de sua inesgotável característica de significações. Nesse aspecto, percebemos o quanto é importante a presença de escritores na esfera social, uma vez que por intermédio de suas criações literárias, conseguimos verificar os valores e a cultura de cada sociedade.

A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência COMO ESCRITORES. Essa é sua principal utilidade. [...] Os bons escritores são aqueles que mantêm a linguagem eficiente. Quer dizer, que mantêm a sua precisão, a sua dureza. Não importa se o bom escritor quer ser útil ou se o mau escritor quer fazer mal. (POUND, 2006, p.36).

Nesse contexto, o poeta é um ser que carrega consigo uma grande responsabilidade, pois, utilizando-se da subjetividade cria uma realidade extremamente plurissignificante, na qual expressa suas emoções e sentimentos. Com isso, o poema se torna uma espécie de entidade que transmite cultura e que gera uma aprendizagem significativa. Ao ler um poema, o leitor tem a possibilidade de adentrar em um mundo diversificado e ir além de uma análise puramente estrutural. É preciso sentir a poesia, antes mesmo de tentar fazer qualquer interpretação primária. A leitura poética não deve ser concebida de maneira despretensiosa, pelo contrário, é essencial que exista uma ambição em querer aprender e entender as ramificações e pluralidades da literatura.

Segundo Eliot (1991), em contato com a poesia, o leitor enquanto ser em construção, tem a chance de sentir e/ou experimentar sentimentos nunca apreciados ou que estejam escondidos em seu subconsciente e que pode permitir um autoconhecimento a cerca de suas emoções.

Sendo assim, este trabalho procura fazer um estudo direcionado para as imagens e aspectos poéticos existentes na poesia de Augusto dos Anjos. Tendo como objetivo enfatizar alguns traços analíticos, estéticos e analisar os elementos que caracterizam o pessimismo incrustado nos poemas “O deus-verme” e “Vozes da morte”. Notamos, nesse caso, que o repúdio ao seu engenho poético e as penas da vida familiar atestam a voz pessimista do eu lírico, que cantava a onipresença da dor e evidenciava o destino do homem à morte, aos vermes e ao pó. Seus versos nada têm de estapafúrdios e aberrantes, pelo contrário, os elementos empregados

nos poemas conferem originalidade aos escritos do poeta e provocam múltiplas reflexões.

2 A PLURALIDADE DO DISCURSO POÉTICO

Poesia é construção de sentidos e projeção de imagens. Quando lemos estabelecemos uma relação com elementos que já conhecemos, em seguida reconstruímos as ideias apresentadas no texto. Bosi (2000, p.19) afirma que, “O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo.” Nossas reminiscências contribuem para que possamos compreender e reinterpretar aquilo que enxergamos. Nessa perspectiva, a memória acaba desempenhando uma função importante no processo de aquisição cognitiva.

A imagem não decalca o modo de ser do objeto, ainda que de alguma forma o apreenda. Porque o imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Dado enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma para o sujeito. Dado: não depende da nossa vontade de receber as sensações de luz e cor que o mundo provoca. Mas construído: a imagem resulta de um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância. (BOSI, 2000, p. 22).

Com isso, ratificamos os pressupostos de que a linguagem poética não é caracterizada pela obviedade das palavras; pelo contrário, é marcada pela multiplicidade de significados. De acordo com Candido (2006, p.19), “a atividade poética é revestida de um caráter superior na literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta.” Ela permite que cada leitor atribua sentidos diferenciados durante a construção de seu pensamento. Por isso, quando realizamos uma leitura recorremos constantemente ao passado, buscamos constituir um todo significativo que favoreça o entendimento contínuo e eficiente.

Partindo desse princípio de distanciamento, em um primeiro momento, o olho se destaca entre os outros sentidos, como o próprio Bosi (2000, p. 24) diz, “o olho capta o objeto sem tocá-lo, degustá-lo, cheirá-lo, degluti-lo.” E em um segundo momento, o imaginário assume o controle, pois é fundamental no desenvolvimento das percepções cognitivas para que o pensar seja estruturado de modo coerente.

O dinamismo, resultante da simultaneidade da linguagem poética, nos retira do microcosmo e nos faz adentrar no macrocosmo, proporcionando devaneios que consolidam o ato de fantasiar. Essa ação cognicente tem como resultado o prazer em reconstruir e adquirir novos conhecimentos.

Conforme Bosi (2000), a imagem no poema não é um ícone do objeto que se fixou na retina, nem muito menos um fantasma gerado na hora que devaneamos; seria, na verdade, uma palavra articulada. Essa palavra se encontra em uma superfície de cadeia sonora, onde o verbo se interliga com o significado por intermédio de um emaranhado de articulações fônicas que formam um código novo, nesse caso, a linguagem.

[...] a linguagem se vale de uma tática toda sua para recortar, transpor e socializar as percepções e os sentimentos que o homem é capaz de experimentar. Dizer, como faz o poeta, nunca será o mesmo que transmitir a outrem, por meio de ícones aglomerados, a mensagem da situação global vivida e das relações internas pensadas pelo falante ao significar o período dado. (BOSI, 2000, p. 29-30).

O discurso poético estrutura-se em uma sequência de enunciados que consolidam a forma e o sentido. Assim sendo, o poema não é uma simples representação da realidade, transcende o espelhamento do real e cria diferentes graus de sensação, percepção e articulação simbólica, que representam o pensamento dos indivíduos. É caracterizado ainda por um complexo conjunto de signos verbais que lhe confere musicalidade e movimento.

A imagem final, a *imagem produzida*, que se tem do poema, a sua forma formada, foi uma conquista do discurso sobre a sua linearidade; essa imagem é figura, mas não partilha das qualidades formais do ícone ou simulacro: procede de operações mediadoras e temporais. (BOSI, 2000, p.37, grifo do autor.).

Vale salientar ainda que, a analogia é também um dos recursos estilísticos comumente usados na construção de poemas. Ela favorece o enriquecimento das percepções e é responsável pelo peso da matéria que acrescenta às metáforas e outras figuras, bem como pela transferência de sentidos. Não é estranho encontrarmos elementos repetitivos na linguagem poética, isso serve para criar expectativas e ao mesmo tempo reiterar uma ideia já apresentada. Esse procedimento objetiva reforçar o conhecimento do signo, as diferenças e surpresas do discurso.

3 A POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884, no engenho de Pau d'Arco, estado da Paraíba. Acometido por uma pneumonia, faleceu em 12 de novembro de 1914, às quatro horas da manhã, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais. Contudo, apesar de ter publicado apenas um livro, o poeta se destacou no cenário literário por ser plural, multifacetado e, linguisticamente falando, mostrou-nos uma heterogeneidade na homogeneidade. Ele mesmo, em diferentes momentos, traça o seu próprio perfil e nos revela quem é e suas relações com sua poesia.

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!
(ANJOS, 2013, p.126).

A poesia de Augusto dos Anjos, dentre outras características, é marcada por uma expressiva linguagem pessimista. Sua lírica, entre outros elementos, evidencia a tentativa de representação das visões angustiantes da podridão da matéria e, a exaltação da onipresença da dor. Além de revelar uma beleza advinda do feio e do asqueroso. Diante de seus versos, sentimo-nos transportados para um universo imaginário, onde o indivíduo é dissolvido em sua plenitude. É possível perceber ainda, que os termos científicos presentes exercem forte sedução no poeta e, assim, sentimentos e valores do ser humano são desintegrados em uma significativa expressão literária. Segundo Antonio Arnoni Prado:

[...] com o impacto dessa poesia define-se um novo instrumento literário que passa a dialogar como o inusitado, instaurando uma unidade dialética entre a lírica e a ciência que escava na *coincidentia oppositorum* a chave temática de um novo estado poético, esdrúxulo e dissonante, fragmentado pela experiência do dualismo e marcado por antagonismos inconciliáveis. (PRADO, 2011, p.23, grifo do autor).

A imaginação do jovem enfermo e cercado por uma tristeza incólume contribuiu para o desenvolvimento de um lirismo inusitado, que confrontava com os ideais instaurados, anteriormente, pela tradição romântica. Notamos também que as inquietações em compreender as relações existentes entre a natureza e o destino do homem, nos mostra um poeta ligeiramente obcecado pela busca do equilíbrio entre

a razão e o sentimento. Conforme Prado (2011, p. 23), “a inevitável frustração que daí decorre é diretamente proporcional à intuição dos valores absolutos que o poeta procura compensar ao dourar a imagem da derrota (...).”

Quando analisamos um poema, observamos que o poeta procura fazer com que os elementos da obra se interliguem, de maneira a ocasionar uma melhor compreensão ao leitor. Candido (2006, p.19) assim define poesia: “[...] forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva.” Nessa perspectiva, os poemas augustianos são enriquecidos por uma diversidade de elementos que contribuem para a construção de uma lira rica em imagens significantes, que possibilitam a interpretação reflexiva.

A fragmentação e o caos, o Nirvana e o pulsar inescrutável da vida da matéria, a unidade e a metamorfose, o horror à incompletude e a ataraxia permanente ante as formas que não chegam a ser, a fala paralisada no molambo da língua, a fatalidade do apodrecimento e a impossibilidade de iludir a Morte, tudo isso e o riso irônico ante a carne que desmancha e o verme que o devora – eis os acordes que Augusto dos Anjos vai tirando de sua lira estacionada nas cercanias do nono círculo do inferno, na verdade a entrada que elegera para devassar o coração da poesia. (PRADO, 2011, p. 25).

Augusto dos Anjos rompe com o tradicionalismo do romantismo, ao apresentar uma poesia que contempla a fragilidade da vida, a ação impiedosa da morte, o apodrecimento dos tecidos e a atuação sublime dos vermes perante a decomposição da matéria. Valendo-se da ironia, ele desenvolve em seus versos, uma subjetividade plurissignificante, de modo a provocar no leitor um desconforto e uma constante reflexão sobre o tormento de sermos mortais.

Ao entrar em contato com a poesia somos embevecidos em uma atmosfera pluralizada de imagens, na qual é interessante enxergar as possíveis nuances construídas pelo eu lírico. Nesse sentido, é extremamente importante sair do condicionamento do estudo puramente estrutural para direcionar um olhar mais profundo, estético, possibilitando assim, uma compreensão significativa. Nessa ótica, notamos que a poeticidade augustiana apresenta um grito que ecoa de uma alma sombria, solitária e misteriosa, ritmada por suas sábias considerações; o assombro do seu destino e as obsessões da sua psicologia incompreendida.

Bueno (1994), afirma que

Tomando nas próprias costas a missão de ser a consciência e a voz da Dor universal, desde as formas inorgânicas até ao homem e mesmo ao cosmos, o poeta se torna possuidor empático e exasperado do tesouro de misérias sociais, fisiológicas e genéticas que a realidade brasileira lhe entrega como espetáculo cotidiano e terrível. [...] O que, a despeito de tudo isso, de toda essa intrincada e secundária rede de afinidades e origens, é incomunicável e primordial em Augusto dos Anjos, e que encerra a sua maior grandeza, é na sua pessoalíssima e desesperada empatia com limitação universal, ou seja, a sua quase mística ânsia do absoluto, que produziu para a poesia brasileira a manifestação mais pungentemente trágica de toda a sua história. (BUENO, 1994, p. 26-34).

Augusto dos Anjos consegue representar, significativamente, a dor que assola o indivíduo e que lhe afeta em determinadas situações. A fragilidade do homem e seu desconforto diante da morte são deglutidos de forma a instigar os sentimentos mais profundos. Diante desses elementos, sua poeticidade faz com que a putrefação da matéria ganhe cores diferenciadas e desmistifique o horror da decomposição da carne.

O lirismo augustiano faz uma crítica ao mundo moderno desprovido de valores, as ideias da iconoclastia desnorteada, utilizando-se dos preceitos modernistas para inserir na linguagem poética o que era, por vezes, banido. Através do uso de termos cientificistas notamos uma crítica amalgamada, referente a supervalorização da técnica e da ciência, evidenciada nesse sentido pelo apodrecimento e decomposição do homem e das relações estabelecidas entre si. Silva (2012), revela que:

Há na poesia de Augusto uma forte presença de um eu lírico marcado por um sentimento de culpa remanescente. A recorrência de temáticas que dialogam com a mágoa de um sujeito que se identifica como desacreditado da sua capacidade de prosperar e de se livrar desse pesar, acomete o homem não apenas individualmente, como também coletivamente. (SILVA, 2012, p. 83).

Partindo dessa premissa, enxergamos nos versos do poeta uma espécie de identificação com os diversos seres sofredores e a constante desilusão diante da ideia de derrota, impossibilitando uma progressão e saída desse estado de isolamento da alma. É neste caminhar pelas trilhas construídas nos versos de Augusto que, notamos através de sua ótica a fragilidade do homem, o mundo, e a melancolia perante a insolubilidade dos grandes problemas universais.

4 A DESTINAÇÃO DO HOMEM À MORTE E A REPRESENTAÇÃO DO VERME EM “VOZES DA MORTE” E “O DEUS-VERME”

Existe na poesia de Augusto dos Anjos uma obsessão pela morte, marcada pela imponente presença de um eu lírico frustrado, angustiado, que cultua o aberrante, o desprezível, o incomum, o verme e suas variantes (a podridão, o roer, os resíduos ruins, o esterco, a lepra).

Nesse contexto, se configuram os poemas “O deus-verme” e “Vozes da morte”, que revelam um eu lírico consciente do seu destino, da incapacidade de iludir a morte e vencer essa realidade; além de enaltecer a ação impiedosa e purificante do verme operando nas ruínas.

Direcionando a atenção para a estrutura desses poemas, verificamos que são sonetos, compostos tradicionalmente por dois quartetos e dois tercetos. Nos quartetos aparecem rimas interpoladas (ABBA/ ABBA) e, nos tercetos rimas emparelhadas e alternadas (CCD/ EED).

VOZES DA MORTE

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!
(ANJOS, 2013, p. 43-44).

No primeiro verso do poema “Vozes da morte”, a voz poética nos anuncia o destino de todo homem: “*Agora, sim! Vamos morrer, reunidos*”; o eu lírico enaltece uma das certezas da vida, a morte². Ele a retrata de maneira escancarada, como se

² Todos nós, independentemente da condição social, do gênero, da religião, em um determinado momento morremos, só não sabemos o instante e a maneira que iremos a óbito. Também não há como constatar se será uma morte provocada por causas naturais ou acidentes fatais.

quisesse demonstrar que não a teme, conhecendo-a minuciosamente, esperando-a tranquilamente.

Apesar de ser indesejada por todos nós, a morte sempre provocou questionamentos na humanidade, recebendo um tratamento privilegiado no campo das artes literárias e sendo representada nas suas mais variadas nuances. Conforme Corrêa (2008), “a morte é, porém, uma certeza paradoxal porque opaca: sabe-se que ele é certa, mas dela não se sabe nada ao certo.” E é exatamente por esse paradoxo, essa incerteza do que realmente a vida nos reserva que somos acometidos por instantes de angústia, inquietação, desconforto. Conseqüentemente, torna-se menos dolorido ficar alheio a essa verdade.

Nos versos três e quatro, o eu lírico cita o envelhecimento, processo natural e inerente a todos os seres vivos, que contribui para a destruição da matéria orgânica. No entanto, não se desespera diante dessa constatação, mantém-se tranquilo, como se esperasse a ceifadora chegar e levar-lhe a vitalidade, uma vez que a vida se configura em um encadeamento de fatores biológicos e químicos. Galdino (2012), considera,

O saber da morte é o elemento detonador da angústia marcante. Sendo a morte um fato material, para Augusto dos Anjos, a vida vem a ser um processo químico e o homem, um organismo que caminha para a desintegração. (GALDINO, 2012, p. 495).

Ainda assim, ciente desse fato, o homem, para camuflar suas inquietações, procura constantemente manter a morte longe de suas fronteiras, de forma a tentar prolongar o máximo possível esse encontro desagradável. É por isso que Augusto se torna um poeta singular, ao tratar de um assunto que assombra a humanidade, com ironia e parcimônia, demonstrando apreciar a fundo a ação dilacerante provocada pela putrefação e decomposição da matéria.

Na segunda estrofe, constatamos a impossibilidade de vencer a “carnívora assanhada”, revelando a fragilidade da vida e, conseqüentemente, provocando-nos, expondo-nos a ação decompositora dos vermes; no final restarão apenas os ossos: “*E a podridão, meu velho! E essa futura/ Ultrafatalidade de ossatura,/ A que nos acharemos reduzidos!*”. Nessa perspectiva, Leão (2012) argumenta que, a morte é

poetizada na lira augustiana de maneira explícita, mostrando-a intimamente, na sua natural crueza, representada em vermes, podridão, vísceras e esqueleto.

Contudo, notamos que a morte apresentada nos poemas de Augusto não indica um símbolo do conformismo e muito menos uma adaptação de conceitos anteriormente conhecidos. É o que verificamos nos dois últimos tercetos, quando o poeta mostra uma “morte semente”, que continuará se perpetuando nas espécies através dos outros, indicando nesse caso, um tipo de renovação.

O DEUS-VERME

Fator universal do transformismo,
Filho da teológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme – é seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!
(ANJOS, 2013, p. 20-21).

Já nesse segundo soneto, no que se refere à estrutura, segue a mesma estética do primeiro poema analisado. Nele, nos deparamos com a figura poética de um ser que se mostra como uma entidade dotada de inteligência, responsável pela transformação e purificação do mundo. “*Fator universal do transformismo/ Filho da teológica matéria*”. Essa criatura que rodeia e acompanha a morte é definida no quarto verso, da primeira estrofe: “*Verme – é o seu nome obscuro de batismo.*” O próprio título do poema já revela uma espécie de “divinização” do verme. Ele é o fim de todas as coisas, aquilo que iguala todos os seres vivos; ou seja, é o deus que a morte oferece a todos e se alimenta da carne podre, sem distinção alguma.

Na segunda estrofe, notamos mais uma alegoria do verme, criatura que tem a tarefa de alimentar-se da carne podre dos mortos, fazendo-a se integrar à frialdade inorgânica da terra, gerando uma transmutação e eliminando as impurezas da humanidade. A imagem de vermes que “declaram guerra” percorre todo o soneto, causando no leitor um mal estar catártico, levando-o à constatação da fragilidade da

vida e do destino inexorável de toda existência; a morte, o fim. Segundo Corrêa (2008),

A morte, então, longe de tirar o sentido da vida, torna-se fundamento, causa e convite para valorizar ainda mais a vida do tempo presente. O homem [...] dar-se-á por tarefa gozar do convívio junto aos seus [...] trabalhando sempre por gerar mais vida [...]. (CORRÊA, 2008, p.108).

É diante dessa ideologia, que o homem se libertará das amarras da ignorância e das sombras do medo, adotando outra postura acerca de seu destino que se distancia do pré-estabelecido.

No primeiro terceto, as expressões “almoça a podridão”, “rói vísceras”, “dos defuntos incha a mão”, surpreendem e assustam aqueles acostumados com um lirismo sentimental; evidenciando a desvinculação da arte como o conceito de beleza, o descompromisso da palavra com o belo. Reforçam ainda a ação do verme, que come, devora e dilacera a matéria orgânica. O eu lírico observa e contempla o escatológico, o pútrido.

Para o poeta, as forças da matéria, que vibram em todos os seres e em particular no homem, levam ao mal e ao nada, por meio de uma destruição implacável; ele é o espectador em agonia diante desse processo degenerescente cujo símbolo é o verme:

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!
(ANJOS, 2013, p. 21).

Notamos, a partir de então que, para Augusto pouco lhe interessa o corpo que carrega a sua alma, ele é apenas um invólucro. Os microrganismos que sob a terra vivem não lhe causam enjoo; entendendo assim, a função deles e até louvando o papel que tem o verme.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poeta Augusto dos Anjos criou a sua própria maneira particular de sentir e/ou expressar sentimentos universalmente conhecidos, representando-os pela metáfora e provocando estranhamento aos leitores de diferentes épocas. Não temeu

o ridículo e, por isso, conquistou a originalidade. Com o seu canto conseguiu tocar diretamente o coração, a inteligência e os sentidos humanos em todos os tempos.

De acordo com Bosi (2000, p.31), “a atividade poética, enquanto linguagem, pressupõe a diferença.” Suas imagens poéticas possuem uma sequência admirável, em um mesmo desdobramento de pesadelos, delírios, alucinações e fantasias. Atraído também por um vocabulário cientificista, conquistou a singularidade e grandeza na literatura. Ele conseguiu extrair do pessimismo uma maneira singularíssima de elogio a tudo o que é tristeza. Prado (2011, p.27) comenta que, “O seu alvo é perseguir em voo aberto a *mosca alegre da putrefação*.”

Sua poesia provoca uma reflexão sobre a derrocada de um mundo que se degrada por inteiro. Em seu discurso poético transformou células, os vermes, a morte e os bichos em forças racionantes, evidenciando, assim, suas inquietações, frustrações e delírios da imaginação. No entanto, sua poética também aponta para uma renovação do mundo, para o aperfeiçoamento da espécie e purificação da humanidade.

Percebemos ainda que, em Augusto dos Anjos, existe uma combinação de uma linguagem bíblica com o neologismo cientificista. Talvez, por isso, sua identificação com o sofrimento do homem no mundo o tenha popularizado na esfera literária brasileira.

Portanto, a partir da análise dos sonetos “O deus-verme” e “Vozes da morte”, constatamos que, apesar da lira de Augusto dos Anjos ter sido rotulada por muitos críticos como “poesia de necrotério”, não está apenas enraizada em bases pessimistas, uma vez que seus versos transpassam o decadentismo e contemplam outros horizontes, possibilitando enxergarmos nas mais improváveis situações e nos diferentes seres, uma beleza poética implícita; explicitando com isso o sofrimento do homem universal, acometido por algumas mazelas e temeroso a ideia de não ser imortal. Além de entender que para o poeta a morte da matéria é fatal, assim como sua decomposição, por isso essa certeza não lhe causa incômodo. O que o incomoda é não poder, porventura, se eternizar através de suas ideias, de suas concepções, de sua poesia.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of some analytical and aesthetic elements that characterize the ingrained pessimism in the poems , "God-worm" and "Voices of death", Augusto dos Anjos . Still , making a possible relationship with certain peculiarities of the poet's life that influenced the constant presence of his verses in pessimistic terms . Bring theoretical support , among others , Pound (2006) , Eliot (1991) , Bosi (2000) , Corrêa (2008) , Prado (2011) , which directly dialogue with literary issues addressed here . Thus , we see how the poet uses words considered strange by some critics to build a poetry that (re) means , which includes , among other things, his constant dissatisfaction with humanity and repudiation of the actions of the society in which he lived , thereby enabling a diversity of interpretations in order to create unease and estrangement in the reader .

Keywords: Poetry. The man and pessimism. Augusto dos Anjos.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, Alexei. **Augusto dos Anjos: obra completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Editorial Humanitas, 2006.

CORRÊA, José de Anchieta. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.

ELIOT, T. S. **De poesia e poetas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GALDINO, Daniela. **"Eu": uma obra absurda.** In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Eu, cem anos de poesia – Anais do I Congresso Nacional de Literatura: - I CONALI*. João Pessoa: Ideia, 2012.

LEÃO, Lilásia de Arêa. **"Que morte é essa na poesia de Augusto dos Anjos?"**. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Eu, cem anos de poesia – Anais do I Congresso Nacional de Literatura: - I CONALI*. João Pessoa: Ideia, 2012.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 11. ed. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. Org. e apresent. Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2006.

PRADO, Antonio Arnoni. **“Um fantasma da noite dos vencidos.”** In: ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, Aline Cunha de Andrade. **“No embalo melancólico de uma Eterna mágoa.”** In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Eu, cem anos de poesia – Anais do I Congresso Nacional de Literatura: - I CONALI*. João Pessoa: Ideia, 2012.